



## **Escalas espaciais em matérias ambientais do Correio da Paraíba e Jornal do Commercio<sup>1</sup>**

Erivaldo Francisco dos Santos Júnior<sup>2</sup>  
Sóstina Silva Santos<sup>3</sup>  
Sonia Aguiar (orientadora)<sup>4</sup>  
Universidade Federal de Sergipe (UFS)

### **RESUMO**

O presente artigo faz uma análise das matérias publicadas na primeira semana de cada mês, do período de abril de 2009 ao mesmo mês de 2010, dos jornais Correio da Paraíba e Jornal do Commercio, correlacionando-as com as escalas espaciais de proximidade propostas por Camponez (2002), dentro da temática ambiental. O artigo é um recorte do projeto de iniciação científica que tem como tema “Jornalismo, meio ambiente e desenvolvimento regional: interfaces e conflitos”.

**PALAVRAS-CHAVE:** meio ambiente, desenvolvimento sustentável, imprensa regional, Correio da Paraíba, Jornal do Commercio.

### **1. Introdução**

O presente artigo é um recorte do Projeto de Iniciação Científica “Jornalismo, Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional: Interfaces e Conflitos”, que tem como objetivo articular o conhecimento teórico recente sobre meio ambiente e desenvolvimento regional com os processos decisórios e mecanismos discursivos do jornalismo no Nordeste brasileiro. A primeira delimitação empírica para esse estudo ficou restrita aos veículos que integram o Pool de Jornais do Nordeste, em função do papel estratégico que exercem na região, em termos políticos, econômicos e sociais. Porém, devido a restrições de acesso ao banco de dados de alguns dos jornais (exclusivo para assinantes ou sem ferramenta de busca eficiente), o presente artigo aborda apenas o Correio da Paraíba e o Jornal do Commercio.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

<sup>2</sup> Aluno do 5º período de Jornalismo na Universidade Federal de Sergipe (UFS) e bolsista de iniciação científica Pibic-UFS/CNPQ 2010-2011 – email: [jrjuniorkd@yahoo.com.br](mailto:jrjuniorkd@yahoo.com.br)

<sup>3</sup> Aluna do 3º período de Jornalismo na Universidade Federal de Sergipe (UFS), orientada voluntária de iniciação científica PicVol-UFS 2010-2011 – email: [sostina@live.com](mailto:sostina@live.com)

<sup>4</sup> Dra. Em Comunicação, professora do Departamento de Comunicação Social da UFS e coordenadora do Laboratório Interdisciplinar de Comunicação Ambiental (LICA) – <http://licaufs.blogspot.com.br>



O período de abrangência da pesquisa, comum aos dois jornais, contempla as matérias publicadas entre abril de 2009 ao mesmo mês de 2010, devido à limitação de acesso ao banco de dados do Correio da Paraíba. A metodologia usada para a pesquisa foi a Análise de Conteúdo (HERSCOVITZ, 2008) com técnicas da Análise do Discurso (linha francesa). Foram recuperadas e selecionadas apenas as matérias de caráter informativo (exclui editoriais, artigos de opinião e notas de colunistas) pertinentes à temática ambiental, posteriormente organizadas em tabelas referentes aos conteúdos por editoriais e às escalas de proximidade geográfica (local, regional, nacional e global). Os dados encontrados apontam que a relação da sociedade com os recursos naturais é indissociável dos territórios que os contêm, assim como a relação da imprensa – em especial a que se propõe a circular local e regionalmente – é movida pelo princípio de proximidade que mantém com seu público e com os poderes político e econômico que lhes dão sustentação (CAMPONEZ, 2002).

## **2. Questões metodológicas**

O estudo, predominantemente de caráter exploratório e descritivo, utilizou técnicas de coleta e sistematização de dados visando à Análise de Conteúdo, conforme definida por Herscovitz (2008, p.126):

(...) método de pesquisa que recolhe e analisa textos, sons, símbolos e imagens, impressas, gravadas ou veiculadas em uma forma eletrônica ou digital encontrados na mídia a partir de uma amostra aleatória ou não dos objetos estudados com o objetivo de fazer inferências sobre seus conteúdos e formatos enquadrando-os em categorias previamente testadas, mutuamente exclusivas e passíveis de replicação.

Fechada a análise de conteúdo, foram extraídos alguns textos exemplificadores dos mecanismos decisórios sobre o que é ou não noticiado pelos jornais, bem como os pontos de vista que caracterizam a produção jornalística, verificáveis a partir de algumas técnicas de análise do discurso (linha francesa). As etapas para mapear e selecionar as matérias que serviram de base de estudo no presente artigo consistiu: na verificação da disponibilidade do acesso ao banco de dados dos jornais; observação da relevância das notícias encontradas com a temática ambiental; a relação com as escalas de proximidade com base nas referências bibliográficas; a identificação dos atores a que se dá voz para expressar os conteúdos (HERSCOVITZ, 2008) e os enquadramentos que lhes atribuem sentidos diferenciados (econômico, político, científico, cultural, comportamental), conforme as editoriais, seções e colunas em que são publicados.



Para determinação do recorte no qual seria viável trabalhar nesta pesquisa, procedeu-se, inicialmente, a uma busca ampla no banco de dados de seis dos principais diários da região Nordeste: Jornal do Commercio, Diário do Nordeste, Gazeta de Alagoas, Jornal Meio Norte, Tribuna do Norte e Correio da Paraíba, verificando-se os seguintes aspectos de ordem operacional: como funcionavam as respectivas ferramentas de busca; desde quando a plataforma online do veículo hospeda as matérias impressas digitalizadas; se o acesso era restrito ou não a assinantes do veículo; e que dados sobre as matérias (data, editoria, resumo) eram recuperados.

Em seguida, realizou-se uma testagem com os dois principais termos de interesse para a pesquisa, no que diz respeito aos conteúdos analisáveis: “meio ambiente” e “desenvolvimento sustentável”. Mediante os resultados obtidos, verificou-se que apenas o Correio da Paraíba e o Jornal do Commercio permitiam acesso aos textos completos e a sua localização por data, além de apresentarem melhores resultados e uma quantidade relevante de matérias pelas expressões de busca.

Porém, depois de iniciada a busca por matérias no banco de dados dos veículos de comunicação, o site do Jornal do Commercio passou por uma reestruturação da sua página online, o que dificultou a coleta das notícias. Com isso, o que até então era feito de forma prática e dinâmica, tornou-se um trabalho “manual”, onde os textos tinham que ser acessados do mais atual para o mais antigo, não podendo selecionar os períodos para busca, obrigando o pesquisador a percorrer matéria por matéria, até chegar à seleção do recorte para a construção da pesquisa.

No Correio da Paraíba, o acesso aos conteúdos digitalizados é viabilizado apenas por meio de assinatura paga. O jornal é disponibilizado na versão Flip (simulador digital de páginas impressas) e tem as versões anteriores do jornal impresso digitalizadas a partir de abril de 2009. No entanto, na busca pelos conteúdos que tinham relação com as temáticas ambientais no jornal, foram detectados dois problemas. O primeiro é que embora exista uma ferramenta de busca, a mesma não funciona, pois ao digitar qualquer vocábulo que seja e em seguida clicar na opção “pesquisa”, a ferramenta não recupera nenhum conteúdo. O segundo problema está relacionado à interface do jornal, a qual disponibiliza apenas as datas de 1 a 30 para buscas em edições anteriores, excluindo a possibilidade de acesso às matérias que foram publicadas em dias 31. Esses problemas apresentados foram verificados e testados nos três principais navegadores: Internet Explorer, Google Chrome e Mozilla Firefox. Dessa forma, as buscas pelas palavras-chave “Meio Ambiente” e “Desenvolvimento Sustentável” foram realizadas de maneira



“braçal”, com a leitura de cada edição do jornal, página por página, publicada na primeira semana de cada mês no período entre abril de 2009 e abril de 2010, e posterior seleção das matérias que continham as expressões buscadas e que tinham relação direta com as questões ambientais.

### **3. Meio ambiente, desenvolvimento sustentável e jornalismo ambiental**

O conceito de meio ambiente é descrito por Jollivet & Pavé (1992) *apud* Viola; Leis; Scherer–Warren; et al (1995), como um conjunto de componentes físico-químicos e biológicos, associado a fatores socioculturais suscetíveis de afetar direta ou indiretamente, a curto ou longo prazo, os seres vivos e as atividades humanas no âmbito globalizante da ecosfera, ou seja, a idéia de meio ambiente engloba o ambiente natural, o ambiente modificado e as relações dialéticas entre esses e quaisquer forma de vida.

De acordo com Massierer; Schwaab (2006) a crise que envolve a relação entre meio ambiente e sociedade deve ser analisada dentro do contexto de desigualdades estabelecidas historicamente pela mudança na visão humana sobre a natureza, que passou a ser vista como um “recurso” a serviço do bem-estar do homem. Desse contexto histórico, fazem parte a transformação do espaço público, e, sobretudo, o surgimento da Sociedade Industrial e da instauração do capitalismo como modo de produção.

Segundo Giddens (1991) *apud* Massierer; Schwaab (2006), a relação homem-natureza nas sociedades pré-modernas era radicalmente diferente da atual, pois os perigos ecológicos, como, por exemplo, as inundações, inseguranças climáticas, e outros desastres, eram vistos como problemas que derivavam diretamente da própria natureza. Na visão moderna, os riscos são entendidos como resultado de um conhecimento socialmente organizado, mediado pelo impacto do industrialismo sobre o ambiente natural. Para Castells (1999) *apud* Massierer; Schwaab (2006), os movimentos ambientalistas tiveram papel fundamental nesse processo ao trazer o debate público para a reorientação das instituições e políticas na relação sociedade e natureza.

Abreu (2006) adverte que as condições históricas, como, por exemplo, as guerras mundiais, a crise socialista, o desastre na usina de Chernoby na Ucrânia, e as crises econômicas, levaram, aos poucos, a dificuldades no modelo econômico vigente, resultando no questionamento do paradigma de desenvolvimento adotado. A partir de então, buscou-se no apêndice sustentável, a recuperação de um desenvolvimento em crise, sem romper com o sistema sócio, político, econômico vigente.



Cronologicamente, Girardi; Massierer; Schwaab (2006) apontam que o conceito de “desenvolvimento sustentável” foi usado pela primeira vez em 1980, pela Aliança Mundial para a Natureza (UICN), uma rede ambiental de caráter global que realiza pesquisas científicas sobre meio ambiente. De acordo com Scotto; Carvalho; Belinaso; Guimarães (2010), em 1988, o conceito foi formulado pela Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, formada por ONGs, representantes de governos e pesquisadores de vários países, em um documento denominado “Nosso futuro Comum” ou Relatório de Brundtland, no qual a idéia de desenvolvimento sustentável corresponde a um desenvolvimento capaz de garantir as necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras atenderem também às suas.

Na “nova economia” descrita no Relatório Brundtland, o meio ambiente reorientaria as relações internacionais rumo a uma economia “sustentável”, isto é, na visão desse relatório o meio ambiente adquire valor econômico, dentro de uma lógica concorrencial de mercado, o que para Scotto, Carvalho e Belinaso (2010) resultaria apenas em um novo tipo de mercado, o “verde”, que aumentaria os níveis de exclusão e acesso aos produtos desse mercado. Para Viola, Leis, Scharer-Warren et al (1995), o Relatório, embora tenha contribuído para aprofundar as discussões em torno do critério da sustentabilidade, enriquece a controvérsia que persiste nos espaços que buscam discutir soluções de controle de ameaças ao meio ambiente.

Como avalia Boff (1995) *apud* Girard; Massierer; Schwaab (2006), a sustentabilidade vem da Biologia, campo inverso da Economia, isto é, a sustentabilidade tem origem no equilíbrio das espécies, incluindo a espécie humana, em relação ao meio ambiente, e nessa perspectiva é impossível ter um desenvolvimento sustentável nos moldes do capitalismo. Sachs (1997) *apud* Scotto; Carvalho; Guimarães (2010) esclarece que a visão de desenvolvimento sustentável pensado como um desenvolvimento infinito foi ultrapassada pela finitude dos recursos naturais, e que nem todos entendem de maneira semelhante o caráter dessa finitude e as formas de evitá-la. Em função disso, o citado autor alemão distingue três diferentes perspectivas para o conceito de desenvolvimento sustentável:

- **Perspectiva do astronauta**, à qual estão associadas aquelas imagens da Terra “azul” fotografadas do espaço, encontradas em muitos movimentos ambientalistas, na própria mídia e na comunidade científica, através de discursos sobre “O Planeta Terra”. De acordo com essa perspectiva, o Planeta é a grande vítima da “insustentabilidade”, e para isso é preciso que exista intervenção política a nível



global, com soluções pensadas para o global. É nesse contexto que estão inseridos acordos multilaterais como a Convenção sobre Mudança do Clima.

- **Perspectiva da competição:** aponta como grandes “culpados” pelos problemas ambientais e pela pobreza os países do hemisfério Sul, sobretudo os da América Latina e da Ásia. Nesse sentido, como possível solução para as ameaças ambientais e a pobreza, os países desenvolvidos propõem a competitividade mercadológica e uma redefinição do problema ambiental como uma questão de alocação de recursos de maneira eficiente, da qual emerge o termo “ecoeficiência”. Em suma, ecologia e economia de mercado são vistas como esferas compatíveis, em que os setores econômicos objetivam diminuir progressivamente o uso dos recursos naturais e dos impactos ecológicos de acordo com a capacidade estimada de suporte da Terra, ao passo que ocorre a liberação de preços e serviços que “satisfazem” as necessidades humanas. Assim, de acordo com essa visão, no futuro as empresas que não aderirem à roupagem de ecologicamente conscientes sairão em desvantagem mercadológica.
- **Perspectiva doméstica,** na qual as preocupações giram em torno da subsistência das populações, sobretudo dos grupos sociais que são diretamente vitimizados pela crise ambiental como, por exemplo, índios, camponeses e outras comunidades que dependem diretamente da subsistência da sua terra e do acesso aos recursos naturais. Por essa perspectiva, os problemas dos países subdesenvolvidos não são encarados como resultado da “falta de desenvolvimento”, mas ao contrário, são provocados por essa lógica, disseminada pelos países desenvolvidos do hemisfério Norte, que faz com que os recursos naturais sejam distribuídos de maneira desigual. A redução do consumo excessivo por parte dos países industrializados é apontada como possível solução para que haja desenvolvimento das sociedades mais pobres e, conseqüentemente, maior justiça e equidade global.

No que diz respeito à presença do tema “meio ambiente” na imprensa, Girardi (2001) *apud* Girardi; Massierer; Schwaab (2006) aponta que em vários momentos a imprensa foi aliada do movimento ecológico ao expor determinador temas e conceitos, como a questão dos agrotóxicos, a destruição da camada de ozônio, e a ausência de saneamento básico e sua relação com a saúde. No entanto, Aguiar (2008) argumenta que, embora se apresente como um ator social, com princípios como “a verdade”, “a pluralidade” e o “interesse público”, a mídia é regida sob a égide da modernidade, do industrialismo, do mercado e da tecnocracia, que estão na raiz da crise ambiental contemporânea.



Nesse sentido, Girardi; Massierer; Schwaab (2006) afirma que, para que a visão ambiental se incorpore ao jornalismo, é fundamental que este ofereça elementos para compreensão do acontecimento que estejam além do vender informação, ou seja, é necessário que o jornalismo não se limite à factualidade ou a aspectos específicos, de modo a tratar o tema de maneira segmentada. Dessa forma, segundo Aguiar (2008), exclui-se a necessidade de restringir o tema a cadernos ou programas de rádio e televisão exclusivos, tampouco de profissionais especializados. As matérias precisam ser integradoras e compreensíveis para públicos heterogêneos, de maneira a inserir a questão ambiental nos mais variados assuntos, sejam eles econômicos, sociais ou governamentais.

#### **4. Escalas espaciais no Jornalismo**

A noção de “território” surge nesta pesquisa como um referencial fundamental, tanto para o entendimento dos problemas ambientais quanto para a compreensão da sua abordagem por uma imprensa geograficamente circunscrita a uma região. E encontra na noção de “proximidade” um bom nexo para a análise dos conteúdos relacionados a meio ambiente e desenvolvimento sustentável, já que a relação sociedade-natureza se dá, primariamente, no âmbito do “local”.

A diferenciação entre imprensa nacional e imprensa regional, bem como uma série de reflexões sobre os territórios de proximidade, é chave para a discussão teórica do presente artigo. Ao tomar como base a mídia portuguesa, Camponez (2002) levanta questões pertinentes sobre o que pode ser considerado como jornalismo de âmbito nacional e os voltados para a realidade de cada região ou localidade.

O que parece distinguir a imprensa regional da nacional tem a ver com as suas formas de organização empresarial e a sua estratégia claramente vocacionada para uma abordagem dos temas tanto mais generalistas quanto generalista se pretende que seja o seu público num território mais ou menos vasto (...) (CAMPONEZ, 2002, p. 108).

Os jornais que são considerados nacionais – mesmo que sua circulação não cubra todo o território de um país – acabam direcionando grande parte do seu conteúdo a acontecimentos dos grandes centros urbanos (principalmente os do entorno à sua cidade-sede), enquanto “a informação local é constituída por notícias que dizem respeito a uma área geográfica delimitada e restrita, que se encontram reagrupadas, no jornal, em espaços próprios” (RINGLET, Gabriel, 1975, apud CAMPONEZ, 2002, p. 109). Já a imprensa regional privilegia o espaço geográfico no qual se situa a sua sede editorial,



com a vantagem de criar “grupos desmassificados” que se formam em comunidades, não se atrelando apenas aos lugares, com interesses em comum (CAMPONEZ, 2002).

Para tanto, outros elementos que não são somente territoriais, uma vez que a comunicação em rede tem ampliado seus horizontes, devem ser levados em conta ao abordar tal distinção entre os dois tipos de imprensa, tais como onde se localiza a sede do veículo, sua estratégia de circulação, a linha editorial, a relação com seu público leitor, entre outros.

Assim, sustenta Mercadé, a imprensa regional tem por área privilegiada de difusão a região ou a cidade na qual se situa também a sua sede editorial. A vocação, a intencionalidade, os conteúdos e a percepção sobre o leitor são determinados pelo contexto local ou regional, sendo também as relações com as instituições e organismos locais e regionais mais directas, de carácter permanente e num grau maior de intensidade, comparativamente aos órgãos que se encontram, administrativa e politicamente, a um nível hierárquico superior (CAMPONEZ, 2002, p. 110).

Miriam Santini de Abreu também partilha da mesma linha de pensamento sobre as escalas espaciais no jornalismo. Ao aplicar tais critérios de noticiabilidade em uma pesquisa (2006), ela aponta que a imprensa pode produzir diferentes enfoques do seu conteúdo a depender do seu público, e que o discurso jornalístico é cortado por determinações espaciais que podem ser vislumbradas a partir da categorização geográfica de formação socioespacial.

[...] considera no estudo da realidade a relação dialética entre elementos naturais e humanos e coloca as relações entre esses elementos em múltiplas escalas (mundial, nacional, regional, local), o que permite compreender que uma determinada realidade local tem sua explicação num universo mais amplo. (PEREIRA, 1997, apud ABREU, 2006, p.145)

A escala referente a “nacional” diz respeito à imprensa que direciona a sua linha editorial e o seu conteúdo à abordagem de todo o território nacional ou, como nos objetos de estudo do presente artigo, a matérias que discorram sobre algum fato referente a todo o território brasileiro. Abreu cita como exemplo o *Jornal Nacional*, da Rede Globo de Televisão, que se apresenta com a intenção de expressar o país através de um noticiário-padrão diário (p. 21). Por sua vez, a escala “global” amplia seus horizontes e busca abordar os principais fatos que acontecem ao redor do globo, com enfoques que podem ser atravessados por todas as outras escalas de proximidade.

Tais critérios são de grande relevância ao se analisar as matérias do *Jornal do Commercio* e do *Correio da Paraíba*, já que são pautadas, em sua grande maioria, seguindo critérios de proximidade ou abordando temas nacionais por um viés



predominantemente regional/local. “O espaço de difusão do jornal coincide, assim, com um espaço natural de identidade regional que substancia a identidade e a razão de ser do próprio projecto de informação.” (CAMPONEZ, 2002, p.112).

## 5. Meio ambiente em dois diários regionais

O Jornal do Commercio integra o Sistema JC de Comunicação, pertencente ao grupo JCPM, do empresário João Carlos Paes Mendonça, e foi fundado em abril de 1919, em plena campanha política de Epitácio Pessoa à Presidência da República. Segundo dados do Instituto Verificador de Circulação (IVC), no mês de março de 2010 o jornal diário atingiu a média de 72.385 mil exemplares nos domingos, sendo um dos jornais de maior tiragem da região Nordeste. Pioneiro na criação de um caderno dedicado às questões ambientais, o periódico divide suas matérias em dez editorias – entre elas Ciência e Meio Ambiente, e tem sua sede localizada em Recife (PE).

De acordo com Calado (2006), o Jornal Correio da Paraíba foi fundado em agosto de 1953 por Teotônio Neto. Inicialmente sua periodicidade era semanal, passando a diária devido ao êxito alcançado entre os leitores paraibanos. Um dos motivos da rápida disseminação do jornal no Estado teria sido a distribuição de várias sucursais em outras cidades e no interior paraibano e sua fama de independência político-ideológica, que lhe conferiu credibilidade. Em 1958, a Seca era o principal assunto noticiado no CP, destacando a emergência e o combate da situação de muitos municípios da Paraíba. De acordo com Araújo (1986) *apud* Calado (2006), na década de 1990 o projeto editorial do jornal passou por um processo de reformulação, incluindo suplementos para públicos específicos. Atualmente, possui dez editorias, mas nenhuma especificamente para meio ambiente.

Para o presente artigo foi feito um recorte de matérias dos dois jornais, selecionadas na primeira semana de cada mês, no período de abril de 2009 a abril de 2010<sup>5</sup>. O objetivo deste levantamento foi verificar a regularidade e pertinência da cobertura e/ou inserção editorial de matérias relativas às temáticas ambientais, e a sua relação de proximidade com as escalas local, o regional, nacional e global. Como os resultados da busca automática (nas bases de dados dos dois veículos) por matérias informativas com as expressões “meio ambiente” e “desenvolvimento sustentável” foram amplos, e alguns não tratavam especificamente das temáticas em questão, foi

---

<sup>5</sup> O período se deve ao fato de ser o único comum aos dois veículos até a data das primeiras testagens, conforme explicado no item 2 deste artigo.

necessário uma leitura parcial das reportagens para seleção daquelas estritamente pertinentes ao tema central do artigo. No caso do CP, em que a seleção foi manual, foram consideradas também matérias que não citavam explicitamente a expressão “meio ambiente”, mas continham termos que denotam interações de ordem física, química, biológica, social, cultural e urbanística com os seres vivos e as atividades humanas. Já no caso de “desenvolvimento sustentável” foram selecionadas apenas as que mencionavam a expressão, de modo a evitar interpretações subjetivas ou conceitualmente controversas.

Nas 13 semanas pesquisadas entre abril de 2009 ao mesmo mês de 2010, foram recuperadas no Jornal do Commercio (Tabela 1), 174 matérias informativas com a expressão “meio ambiente”, das quais 123 foram confirmadas como pertinentes à temática, e 12 matérias com “desenvolvimento sustentável”. A editoria “Ciência e Meio Ambiente” foi a que mais teve textos publicados com o primeiro termo, 54 (44% do total) seguida de 28 na editoria de “Cidades” (23%).

É importante ressaltar que nesse veículo a maior concentração de matérias se encontra na editoria de “Ciência e Meio Ambiente” por esta abordar, como diz o próprio nome, temáticas científicas, como assuntos relacionados à tecnologia. Neste espaço, as matérias são produzidas sob o crivo do jornalismo ambiental (ainda entendido como um subcampo do jornalismo científico), trazendo temas como a preocupação com o clima, a fauna e a flora. Já a editoria “Cidades” aborda as temáticas de meio ambiente e desenvolvimento sustentável através do retrato de acontecimentos ocorridos nos bairros de Recife e nos municípios do estado de Pernambuco. Em “Economia” são relatadas questões do setor econômico e empresarial, como as liberações para construções de obras em complexos turísticos de apelo ecológico.

No Correio da Paraíba (Tabela 2), no mesmo período, foram recuperadas 45 matérias associadas às expressões “meio ambiente” e “desenvolvimento sustentável”, dentre as quais 38 com a primeira e apenas 7 com a segunda. Das 38 matérias relacionadas a “meio ambiente”, 18 (47%) saíram na editoria “Cidades”, e das 7 matérias com “desenvolvimento sustentável”, 4 estavam na “Economia”, configurando 57% do total de resultados encontrados para esta expressão.

As editorias que mais se destacaram no Correio da Paraíba foram respectivamente “Cidades”, “Economia” e “Política”. Na editoria “Cidades”, foram abordados temas ligados ao abastecimento de água nas cidades paraibanas, aos problemas de saneamento básico e de destino do lixo. Em “Economia”, as matérias



trazem temas ligados a investimentos em infraestrutura, em projetos denominados sustentáveis, e à exploração do petróleo e do pré-sal. E, por último, na editoria de “Política” são abordadas temáticas que dizem respeito a gestões governamentais e políticas públicas que pretendem incorporar o “ambiental” com um dos focos principais.

Tabela 1 – Jornal do Commercio (2009-2010)

EDITORIAS	Meio Ambiente	Desenvolvimento Sustentável
Política	6	2
JC Agreste	1	1
Capa Dois	1	–
Ciência e Meio Ambiente	57	3
Cidades	28	3
Internacional	2	1
Turismo	2	1
Arrecifes	2	–
Brasil	6	–
Economia	18	–
JC – Vale do São Francisco	1	1
<b>Total</b>	<b>123</b>	<b>12</b>

Tabela 2 – Jornal Correio da Paraíba (2009 – 2010)

Editorias	Meio Ambiente	Desenvolvimento Sustentável
Política	4	1
Cidades	18	1
Economia	8	4
Meio Ambiente	2	1
Brasil	2	–
Especial	2	–
Últimas	1	–
Ciência	1	–
<b>Total</b>	<b>38</b>	<b>7</b>

Na análise buscou-se identificar nas matérias elementos que permitam fazer a relação com as esferas de local, regional e nacional, de forma a corroborar a discussão sobre o jornalismo de proximidade de Camponez (2002) e sua relação com a questão ambiental. As tabelas abaixo mostram a quantidade de matérias distribuídas na escalas espaciais (como foi explicado no item 3). É importante ressaltar que em algumas matérias foi possível identificar mais de uma escala de proximidade.

Tabela 3 – Jornal do Commercio

Escalas de Proximidade	Meio Ambiente	Desenvolvimento Sustentável
Global	23	3
Nacional	35	5
Regional	12	1
Local	85	6

Tabela 4 – Correio da Paraíba

Escalas de Proximidade	Meio Ambiente	Desenvolvimento Sustentável
Global	3	1
Nacional	4	1
Regional	7	1
Local	24	4

O peso da editoria de Cidades na veiculação de matérias sobre meio ambiente nos dois jornais já é um forte indicador dessa relação, principalmente na escala “local” que predomina no Jornal do Commercio. Porém, mesmo em matérias de procedência “longínqua” (nacional ou internacional), observa-se a tendência de edição dos conteúdos a partir de um ponto de vista local ou regional. Para melhor demonstração dessa tendência, tomou-se como exemplo quatro textos de cada veículo estudado.

No Jornal do Commercio, a matéria intitulada “Data ressalta importância de capacitação”, publicada na editoria “Cidades” no dia 01/06/2009, relata a importância do “Dia Mundial do Meio Ambiente” para a promoção de questões educacionais e reflexivas sobre essa temática e o desenvolvimento sustentável. Nesse ano, o dia foi comemorado **mundialmente** em um evento realizado no **México** e refletiu “engajamento da **América Latina** e **Caribe** na luta contra **mudanças climáticas** e na transição para uma sociedade de baixo carbono” (grifos nossos). Os termos em negrito permitem a identificação da escala “global”, bem como a abordagem do assunto retratado na matéria. Já na escala “nacional”, a reportagem “Uma Amazônia que dá certo”, publicada na editoria “Ciência e Meio Ambiente” no dia 07/06/2009, aborda a



questão do trabalho em reserva extrativista em duas comunidades do Acre como uma possibilidade de produzir sem deixar rastros de destruição. Aqui, além dos locais que remetem ao território nacional, encontram-se fontes de origem das localidades, como o líder comunitário de Cazumbá e Iracema, no Acre, elementos que aproximam a escala de “nacional”.

O texto da editoria de Economia intitulado “Nordeste terá 40 térmicas em 5 anos” (veiculado em 06/04/2009) fala sobre a capacidade de geração de energia na região ser uma das maiores do país, podendo se tornar exportadora para todo o território nacional. O título já antecipa a escala espacial de proximidade “regional”, além da voz dada às fontes da região (uma característica marcante das matérias do JC), como o prefeito de Senhor do Bonfim, na Bahia. Quanto à proximidade “local”, “Pernambuco na lista dos que mais desmatam”, publicada na editoria de “Ciência e Meio Ambiente” no dia 03/03/2010, exemplifica quando enquadra a questão do desmatamento da caatinga ao Estado-sede do veículo de comunicação.

No Correio da Paraíba, pode-se perceber a presença da escala espacial do local para o global na matéria “Cana reduz aquecimento global”, encontrada através da busca pela expressão “meio ambiente”, no caderno “Cidades” de 06/04/2009. A reportagem mostra que o cultivo da cana de açúcar, uma cultural local, pode ajudar a solucionar um problema global como o efeito estufa, pois segundo estudo, a cana retira cerca de 50 toneladas de carbono da atmosfera, conforme o trecho: “Com essa notícia, a cultura da cana-de-açúcar ganha mais um impulso com a divulgação dessa grande contribuição ambiental proporcionada pela atividade que é a redução expressiva dos gases poluentes que causam o efeito global”. Na matéria do dia 07/11/2009, publicada na editoria “Ciência” e intitulada “**Países** tentam acordo sobre o clima”, pode-se perceber a relação com o global exemplificada no seguinte trecho: “[...] apesar das baixas expectativas ainda é possível concluir um forte pacto entre as 192 nações do mundo para definir o trabalho futuro na luta contra o aquecimento global”.

No dia 01/12/2009, na matéria “Urânio contamina água na Bahia”, localizada na editoria “Cidades”, fica clara a construção do texto jornalístico a partir da escala regional. A matéria traz a informação de suposto vazamento de solvente orgânico com urânio em uma usina de processamento de minérios em Caetitê, município da Bahia, e as possíveis conseqüências dessa contaminação nos reservatórios de água. Na escala nacional, “Brasil envia contêineres de lixo tóxico de volta para a Inglaterra”, publicada em 03/08/09, na editoria “Brasil”, traz a notícia de que contêineres de lixo tóxico

havam sido trazidos ilegalmente da Inglaterra para o Brasil, de maneira a tratar o país como local de despejo de resíduos tóxicos das nações industrializadas.

## 6. Conclusão

O Jornal do Commercio traz uma visão multi-editorial dos temas relacionados à temática ambiental, mesmo com a maior parte das matérias publicadas na editoria de “Ciência e Meio Ambiente”. Contudo é necessário chamar a atenção para as informações publicadas em “Economia” que, na maior parte das vezes, aborda os temas de meio ambiente e desenvolvimento sustentável somente pelo viés empresarial, com ênfase em obras de construção civil. Outro ponto que merece destaque é a escala da relação de proximidade, que ficou perceptível após as leituras dos textos, onde as temáticas estudadas, mesmo que retratadas a partir de um fato acontecido em outras regiões que não a da sede do veículo, em sua grande maioria acaba se relacionando com o que acontece na região Nordeste e nas proximidades de Pernambuco.

Por sua vez, no Correio da Paraíba, no período selecionado para esta pesquisa, verificam-se indicadores de que a produção de informações sobre meio ambiente e desenvolvimento sustentável ainda é escassa e não chega às manchetes com frequência. No período analisado, apenas uma edição trouxe um tema ambiental como manchete: “Águas do São Francisco chegam a 123 cidades da PB em 2010”, publicada no dia 06/08/2009, com um anúncio precipitado sobre o alcance da transposição do Rio São Francisco para abastecimento hídrico de municípios paraibanos afetados pela seca.

A leitura preliminar das matérias para enquadramento editorial também indica que o “meio ambiente” e o “desenvolvimento sustentável” são tratados de maneira superficial, com pouco aprofundamento e enfoque desproporcional à sua importância. No caso do segundo, sobretudo, observa-se um tratamento genérico, de maneira a contribuir com a polissemia presente no conceito de “desenvolvimento sustentável”, o que indica a necessidade de capacitação dos profissionais no tratamento das questões relativas ao meio ambiente.

Para a composição do Relatório Final do Projeto de Iniciação Científica “Jornalismo, Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional: Interfaces e Conflitos”, do qual esse artigo é um recorte, serão analisados mais dois jornais do Pool do Nordeste, o Diário do Nordeste (Fortaleza) e a Tribuna do Norte (Natal).



## 7. Referências Bibliográficas

ABREU, Miriam Santini. **Quando a palavra sustenta a farsa: o discurso jornalístico do desenvolvimento sustentável**. Editora UFSC. Santa Catarina, 2006.

AGUIAR, Sonia; SANTOS JUNIOR, Erivaldo. **A transposição do Rio São Francisco no Pool de Jornais do Nordeste: o caso do Jornal do Commercio**. Trabalho apresentado no XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste. Campina Grande, 2010. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2010/resumos/R23-1176-1.pdf>>. Acesso em: 6 abril 2011, 21:34:42.

AGUIAR, Sonia. Ciência, jornalismo e meio ambiente: confrontos discursivos. In: SOUSA, Cidival M. (org.). **Jornalismo científico & desenvolvimento regional: estudos e experiências**. Campina Grande: EDUEPB, 2008. p. 168-180.

CALADO, Liliane de Andrade. **A ciência do Jornalismo Impresso: Análise das reportagens do suplemento Milenium -Jornal Correio da Paraíba**. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.

CAMPONEZ, Carlos. **Jornalismo de proximidade: rituais de comunicação na imprensa regional**. Coimbra: Minerva, 2002

CUNHA, Isabel Ferin. **Repensar a investigação empírica sobre os Media e o Jornalismo**. Texto apresentado em seminário do Centro de Investigação Mídia e Jornalismo, 2003. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/cunha-isabel-ferin-metodologias.pdf>>. Acesso em: 12 maio 2011, 16:13:25.

HERSCOVITZ, Heloiza G. Análise de conteúdo em Jornalismo. In: Lago, C.; Benetti, M. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. 2ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 123-142.

GIRARDI, Ilza Tourino. MASSIERER, Carine, SCHWAAB, Reges Toni. **Pensando o Jornalismo Ambiental na ótica da Sustentabilidade**. UNIrevista - Vol. 1, nº 3, Rio Grande do Sul. 2006

MASSIERER, Carine; SCHWAAB, Reges Toni. **A crise ambiental e a centralidade da mídia na modernidade: o jornalismo como promotor da reflexividade**. In: Anais do 4º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, Porto Alegre, 2006. Disponível em: [http://sbpjour.kamotini.kingghost.net/sbpjour/admjour/arquivos/ind\\_carine\\_massierer\\_e\\_reges\\_schwaab.pdf](http://sbpjour.kamotini.kingghost.net/sbpjour/admjour/arquivos/ind_carine_massierer_e_reges_schwaab.pdf)

SANTOS JUNIOR, Erivaldo; SILVA SANTOS, Sóstina. **Meio Ambiente e desenvolvimento sustentável no jornalismo regional: indicadores do Jornal do Commercio e do Correio da Paraíba**. Trabalho apresentado no XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste. Maceió, Alagoas. 2011. Disponível em: <<http://intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2011/resumos/R28-0425-1.pdf>>. Acesso em: 14 julho 2011, 19:43:35.

SCOTTO, Gabriela; CARVALHO; Isabel C. de M. ; GUIMARÃES, Leandro B. **Desenvolvimento sustentável: conceitos fundamentais**. Petrópolis: Vozes, 2007.

VIOLA, Eduardo.; LEIS, Héctor.; VIEIRA, Paulo Freire, et al. **Meio Ambiente, desenvolvimento e cidadania: desafios para as Ciências Sociais**. São Paulo: Cortez: Florianópolis: UFSC, 1995.